

A narrativa jornalística na Pós-modernidade: análise do Profissão Repórter¹

Anieli Costa BARBONI²
Anderson Luiz MELO³
Pedro COUBASSIER⁴
Fernando CESAROTTI⁵

Faculdade de Comunicação, Artes e Design do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Salto, SP

RESUMO

As transformações que tomam os produtos culturais estão fundamentadas em mudanças sociais que tem o seu advento na lógica capitalista. Este trabalho pretende localizar dentro da construção do programa televisivo Profissão Repórter, as possibilidades tecnológicas, os conceitos editoriais e o narrar social que são integrantes da ordem pós-moderna. A sociedade e suas instituições vivem um momento de transição entre solidez e fluidez. Essa transição é apresentada todos os dias nos meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; valores-notícia; telejornalismo; hipertexto; semiótica.

1. Introdução

Na essência do processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso *Nova Estação*⁶, reside o nosso desejo de entender o cenário social e tecnológico, locais onde o fazer jornalístico contemporâneo se desenvolve, pois “(...) a padronização promovida por e através dos produtos culturais só é possível porque repousa num conjunto de mudanças sociais que estendem as fronteiras da racionalidade capitalista para a sociedade como um todo (...)” (ORTIZ, 1988, p.49).

Diante da amplitude da prática jornalística e da impossibilidade de analisar o jornalismo como um todo, consideramos para análise o Profissão Repórter da Rede Globo de Televisão, que estreou em maio de 2006, primeiro como um quadro dentro do Fantástico

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, email: anielibarboni@gmail.com

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, email: anderluizmelo@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do curso de jornalismo, email: ensinajornalismo@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do curso de jornalismo, email: fcesarotti@gmail.com

⁶ Trabalho de Conclusão de Curso de jornalismo. Programa disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Nova-Esta%C3%A7%C3%A3o/1512346598979557?fref=ts>>.

e que, dois anos depois, em junho de 2008, ganhou espaço dentro da grade fixa de programação da emissora – é apresentado semanalmente, nas noites de terça-feira. É dentro da prática jornalística de Caco Barcellos e de sua equipe de jovens repórteres que pretendemos identificar o fazer social e as possibilidades tecnológicas da Pós-Modernidade.

De início podemos afirmar, sem dúvidas, que os processos criativos que culminam na concepção dos produtos culturais e informativos não podem acontecer independentemente do fazer acadêmico. Por conta disso, a análise acadêmica é um elemento essencial para desenvolver um estudo que permite enriquecer a e compreensão da narrativa jornalística na Pós-Modernidade.

Para chegarmos a análise das nuances da pós-modernidade no Profissão Repórter, concentramos esforços na análise teórica do tempo e das manifestações humanas ao longo do período histórico para entendermos em que momento nos encontramos. Iniciamos com a busca pelo entendimento da temporalidade contemporânea, pois seria impossível pensar o Profissão Repórter dentro da ordem pós-moderna, sem que tivéssemos total segurança do nosso entendimento da pós-modernidade, que só foi possível porque em nenhum momento tratamos a sua concepção como um fator que se deu isoladamente, e sim como resultado de um processo histórico. Logo foi necessário o entendimento do que antecedeu o tempo atual, a *modernidade*, o período de duas grandes revoluções, a Francesa e a Industrial. A primeira, com a tomada da Bastilha por um exército popular inspirado por valores como liberdade, igualdade e fraternidade. E a segunda, com o advento da máquina a vapor, quando a Modernidade configurou-se como um período determinante para a elaboração e consolidação dos principais fatores constituinte da sociedade atual. A Modernidade impôs aos seus contemporâneos uma vida racionalizada igual à rotina da linha de produção, “(...) uma ambiência, um modo de ser, um modo de sentir a vida baseado num princípio: o fundamental é organizar racionalmente a própria via (...)” (SOUSA, 2003 p.15).

Já a pós-modernidade, período que se inicia com a queda do Muro de Berlim, se diferencia de sua antecessora pela ausência de solidez, como nos orientam nossos professores. Um período líquido, que não permite definições; sendo caracterizado como um tempo de consumo desmedido, em que a fixação da realidade tornou-se ausente e as identidades e valores passaram a ser definidos pela forma de consumir.

Ontem, vivíamos em uma sociedade para acumular, uma sociedade da poupança, continuamos a fazer poupança, mas a questão hoje começa a ser

modificada: as tecnologias são utilizadas como instrumentos do viver. Ontem na modernidade, era o ser; na pós-modernidade, é o viver. Na modernidade, a grande questão era adiar para amanhã; na pós-modernidade, é o aqui, o agora. (SOUZA, 2003, p.20).

2. Os valores da narrativa

Após a análise da modernidade e da pós-modernidade, necessitávamos da identificação do fazer jornalístico atual, prática que evoluiu acompanhando os avanços tecnológicos e antropológicos da humanidade. O jornalismo alcançou as massas, exigiu uma profissionalização dos jornalistas. Os jornais tornaram-se empresas e o seu fazer passou a ser caracterizado pela monopolização da comunicação, com suas grandes tiragens e pela influência nas relações sociais.

Na sociedade pós-industrial, não há bem mais valioso que a informação. Mercados financeiros estão conectados em tempo real, fluxos de capitais mudam de pátria em frações de segundo e mesmo um simples acesso à internet já nos coloca como ativos integrantes do estratégico banco de dados do mercado global. (PENA, 2005, p.11).

Em tempos onde a lógica da prática jornalista se caracteriza por informações apresentadas em plataformas eletrônicas e interativas, nos perguntamos: Como ocorre a identificação dos fatos que merecem se transformar em notícia e ocupar um espaço dentro do jornalismo? “O fato é que os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, tem critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos” (PENNA, 2005, p. 71). Esses critérios são chamados de *valores-notícia*, classificados a partir do interesse que a notícia pode ter para o seu receptor, passando pelo grau de atualidade até a exclusividade do veículo em relação ao fato. Mais do que simplesmente reportar, a função do jornalista se inicia com a escolha de quais fatos se transformaram em notícia.

O jornalista lida com fatos e deve ter habilidade para classificar acontecimentos pelo nível de interesse ou impacto que causam no leitor, descartando os que concentram pouco ou nenhum valor jornalístico. O relato jornalístico economiza tempo e espaço, ordenando os fatos a partir do mais importante ou do aspecto mais relevante. (JORGE, 2008, p.28).

Podemos dividir essas categorias, em *fundamentais e temáticas*. As fundamentais são *atualidade*, partindo do princípio de que entre os fatos de ontem e os de hoje, os acontecimentos mais recentes terão prioridade dentro do fazer jornalístico. *Proximidade*, quanto mais próximo, seja psicologicamente seja geograficamente, maior o interesse que a

notícia poderá despertar. Dentro da classificação fundamental, temos também a *notoriedade*, o homem que morde o cachorro sempre será notícia em qualquer lugar do mundo. “Os primeiros seriam aqueles sem os quais a profissão não vive” (JORGE, 2008, p.30).

A segunda categorização possível classifica os valores-notícia como *temáticos*, dentro dessa categorização cabem pautas sobre sexo, poder, dinheiro, morte, mistério, lazer, saúde, trabalho, religião, meio ambiente, amor, confidências, educação, ciência, arte, moda e contrastes.

Entre os valores-notícia temáticos há os que têm temporalidade imediata, responsáveis por matérias quentes, que têm que entrar obrigatoriamente no noticiário, como um escândalo sexual ou político; e outros, de temporalidade mais alongada, que podem esperar para ser publicados, como é o caso das notícias sobre saúde ou arte. (JORGE, 2008, p. 30).

Os valores fundamentais serão os mesmos, imutáveis, enquanto o Jornalismo for o Jornalismo tradicional, clássico e que sempre serviu à sociedade com informação. Mas ocorre que, com o passar do tempo, pudemos perceber como a pós-modernidade começou a acontecer na frente das lentes jornalísticas, e usamos algumas pautas do Profissão Repórter como exemplo de como os valores-notícia fundamentais e temáticos começaram a dividir seus espaços com as nuances e fazeres sociais próprios da pós-modernidade.

O noticiário internacional mundial já teve suas páginas e tempo de exibição preenchidos diversas vezes pelas imagens do conflito na Faixa de Gaza, o som das sirenes que anunciam o lançamento dos mísseis também já foi mediado pelas lentes do Profissão Repórter. No episódio que retratou a violenta realidade da Faixa de Gaza⁷, podemos identificar não apenas os valores-notícia tradicionais, mas também o discurso de guerra pós-moderno, Gaza deixou de ser trincheira, o conflito acontece em um espaço próprio.

Golpes deferidos por bombardeios furtivos e “espertos” mísseis autodirigidos capazes de seguir seus alvos – lançados de surpresa, vindos do nada e desaparecendo imediatamente de vista – substituíram os avanços territoriais das tropas de infantaria e o esforço para expulsar o inimigo de seu território – o esforço de ocupar território possuído, controlado e administrado pelo inimigo. Os atacantes definitivamente não querem mais ser “os últimos no campo de batalha” depois da fuga ou retirada do inimigo. (...) A guerra hoje, pode-se dizer (parafrazeando a famosa fórmula de Clausewitz), parece cada vez mais uma “promoção do livre comércio por outros meios.” (BAUMAN, 2000, p. 19).

⁷ Conteúdo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=U1DQ2hN4s-I>>.

Aproveitamos este momento para refletir sobre, em se tratando de Pós-Modernidade, da questão da privacidade. Atualmente cada vez menos o tratado entre quatro paredes deixa de ser exposto. Um exemplo é um episódio do Profissão Repórter que mostrou, em 2007, o primeiro casal assumidamente homoafetivo do País a conquistar um lote de terra da reforma agrária. Nas palavras do próprio jornalista Caco Barcellos: “Fomos recepcionados no lote 196, Sítio Arco-Íris, em Iaras, no interior de São Paulo, propriedade do casal *Dida e Darci*⁸”. Ao lado de Caco Barcellos, o “país inteiro” sentou-se no sofá da humilde sala, para ouvir um pouco sobre a história do casal. Darci até contou um pouco mais sobre a declaração de amor que recebeu de Dida: “Ela chamou eu pra sentar, aí ela foi falando pra mim, que gostava de mim, que fazia muito tempo e que ela queria ‘tocá’ pra frente.”

Tornam o indizível dizível, o vergonhoso, decente, e transformam o feio segredo em questão de orgulho, até certo ponto são rituais de exorcismo – e muito eficazes. Graças aos programas de entrevistas, posso falar de agora em diante abertamente sobre coisas que eu pensava (equivocadamente, agora vejo) infames e infamantes e, portanto, destinadas a permanecer secretas e a serem sofridas em silêncio. Como minha confissão não é mais secreta, ganho mais que o conforto da absolvição: não preciso mais me sentir envergonhado ou temeroso de ser desprezado, condenado por impudência ou relegado ao ostracismo. (BAUMAN, 2000, p.80).

Outro nuance da Pós-Modernidade é a espetacularização da sociedade. Em outro exemplo do Profissão Repórter, lembramos do momento em que milhões de telespectadores acompanham do lado de fora de um quarto de hospital o momento em que um caminhoneiro, de 48 anos, recebe a notícia de que tem Aids. O entrevistado optou por não se identificar e permitiu a exibição de seu rosto com a imagem desfocada. Na cama, agonizando, o paciente conta seu drama: “Sou caminhoneiro, a gente as veze se descuida, fazê o que? Agora tem que tratar”⁹. O paciente morreu alguns dias depois de conceder a entrevista.

A espetacularização da vida cotidiana acaba sendo uma das características da pós-modernidade. Não importa o racional, importa a *performance*. Importa o prazer. Não interessa mais aquilo que foi tão importante na modernidade: as grandes utopias, a justiça, a paz, a liberdade, ou como na Revolução Francesa, os ideais da igualdade, da liberdade e da fraternidade. (SOUZA, 2003, p.21).

⁸ Conteúdo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=uDDFdS7K8Ac>>.

⁹ Conteúdo disponível: <<http://www.youtube.com/watch?v=IEiJIGqEyOA>>.

Sobre nichos e guetos, lembramos a temporada de 2013 do programa, que estreou com um episódio que exibiu a vivência, o fazer social dos moradores do Morro do Alemão no Rio de Janeiro¹⁰. Nenhum tipo de interação é tão contemporânea e da ordem da Pós-Modernidade, como aquelas que se dão na forma de nichos ou guetos, na era da individualização, qualquer tentativa de recuperar o ideal de comunidade e coletividade estará localizada em uma temporalidade regida por valores que vão além dos pós-modernos.

Tampouco surpreende que, sem muita consideração pela lógica, outras comunidades postuladas, enquanto reivindicam seus próprios “nichos de sociedade”, queriam tirar sua lasquinha da etnicidade e inventem cuidadosamente suas próprias raízes, tradições, história compartilhada e futuro comum – mas, antes e acima de tudo, sua cultura separada e singular, que por causa de sua genuína ou putativa singularidade merece ser considerada “um valor em si mesma”. (BAUMAN, 200, p.125).

3. O hipertexto multiforme

O surgimento de diversas possibilidades tecnológicas permite o desenvolvimento de novas plataformas para a divulgação da notícia. “A internet promoveu a fusão de vários meios de comunicação, na qual uns não excluem, nem restringem os outros. Todos se integram” (COSTELLA, 2002, p.239). Com isso, os caminhos da narrativa vão além da possibilidade de participação, no cenário do jornalismo pós-moderno temos também a emergência de um novo formato de texto, que possibilita uma convergência, unindo texto, imagem, música e outros formatos de arquivos, compondo o “hipertexto, um conjunto de documentos de qualquer tipo (imagens, textos, gráficos, tabelas, vídeos) conectados uns aos outros por links” (MURRAY, 2003, p.64).

Os teóricos do hipertexto defendem que esta plataforma suporta diversos tipos de narrativa, inclusive a jornalística, como podemos concluir após analisarmos o site do Profissão Repórter, utilizando não apenas recursos imagéticos, o site do programa nos apresenta a possibilidade de construirmos narrativas paralelas aquela que nos é apresentada pelo programa nas noites de terça-feira. Além dos fatos jornalísticos podemos acessar um material que descortina narrativas paralelas, um material inédito, que ao acessarmos podemos descobrir quais foram os momentos mais marcantes das reportagens, segundo os

¹⁰Conteúdo disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/videos/t/programas/v/a-vida-no-complexo-do-alemao-parte-1/2494405/>>.

próprios repórteres e ainda ler um blog com conteúdo inédito, que ajuda a intensificar a experiência de descobrir os bastidores da notícia e os desafios da reportagem.

Além da plataforma hipertextual, a Pós-modernidade marca o surgimento de narrativas com múltiplas versões. Um conceito que se baseia em possibilitar que a audiência acesse as muitas versões de uma mesma história. Mas se estendermos essas postulações aos formatos não ficcionais, encontraremos elementos que nos permitiram identificar as narrativas multiformes dentro da construção do Profissão Repórter, através dos vários lados de um mesmo assunto, cada repórter fica responsável por exibir uma das múltiplas versões do fato, constituindo várias subnarrativas paralelas, que terminam por compor a principal.

Como essa grande variedade de narrativas multiformes demonstra, as histórias, impressas e nos filmes estão pressionando os formatos lineares do passado, não por mera diversão, mas num esforço para exprimir uma percepção que caracteriza o século XX, ou seja, a vida enquanto composição de possibilidades paralelas. (MURRAY, 2003, p.49).

Ao admitir depoimentos dos repórteres falando de suas impressões sobre as pautas e os entrevistados, o programa está permitindo a permanência do traço do autor dentro da narrativa jornalística.

Ainda que o relato jornalístico procure se calcar em “bases científicas” e objetivas na busca pela informação, há que se considerar que a estruturação narrativa lhe é inerente, o que equivale a dizer que o seu potencial ficcional também o é (...) (NASCIMENTO, 2009, p.54).

Com sub-narrativas em que os protagonistas são os repórteres vivendo os desafios do fazer jornalístico, o Profissão Repórter está abrindo mão do discurso da objetividade. “A imprensa de acordo com o mito da objetividade, deveria colocar-se numa posição neutra e publicar tudo o que ocorre, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões” (ROSSI, 1986, p. 9).

Se no discurso jornalístico do Profissão Repórter existe espaço para as opiniões do repórter, podemos dizer que o produto está abandonando o compromisso com a neutralidade, e que pode influenciar o processo de conclusões do telespectador. “E nessa busca impossível, introduziu-se a lei de ouvir os dois lados, partindo-se do pressuposto de que frequentemente, há dois lados opostos numa mesma história” (ROSSI, 1986, p.12). O Profissão Repórter cumpre com o seu dever de isonomia e neutralidade, mas abandona o seu compromisso com a objetividade ao dar destaque as opiniões e impressões dos

repórteres, conteúdo que merece lugar de destaque no conteúdo do site e na página do Facebook¹¹.

Assim, o jornalista, que se apoia nos fatos e em seus desdobramentos para exercer sua função informativa, ocupa, ao mesmo tempo, esse papel de “contador de histórias” da atualidade e lida, às vezes inadvertidamente, com personagens, conflitos e expectativas que escapam a qualquer tentativa de enquadramento do objetivo da realidade. (NASCIMENTO, 2009, p.54).

4. A narrativa em cena

Dentro de arranjos audiovisuais, a imagem é essencial e no caso das narrativas jornalísticas, a imagem adquire a função de ilustrar a notícia.

Consiste de tomadas em primeiro plano enfocando pessoas que falam diretamente para a câmera (posição *stand-up*), sejam eles jornalistas ou protagonistas: apresentadores, âncoras, correspondentes, repórteres, entrevistados, etc. De fato, o quadro básico do telejornal consiste no seguinte: o repórter, em primeiro plano, dirigindo-se à câmera, tendo ao fundo um cenário do próprio acontecimento a que ele se refere em sua fala, enquanto gráficos e textos inseridos na imagem datam, situam e contextualizam o evento; se tudo isso for ao vivo, mais adequado ainda. (MACHADO, 2003, p.104-105).

O Profissão Repórter rompe com as presenças *stand-up*, as lentes se veem livres da obrigatoriedade de focar apenas o quadro restrito, composto por repórter e plano de fundo, a ilustração da notícia pode ser construída através de imagens que retratam percepções e gestos que unidos ao áudio podem culminar em uma ilustração muito mais rica, se comparadas aos formatos tradicionais, pois aquilo que o entrevistado escondeu ou censurou em suas declarações pode estar implícito na forma de um olhar fugitivo.

Esse esforço em presenciar a cena e a ação dos protagonistas em tempo real traz um universo rico de percepções. Logo, percebe-se que a feitura da reportagem, se levado em conta o que é dito, representa, quem sabe 10% de toda a produção. Os outros 90% estão na troca de olhares; nos gestos; nas percepções; em informações que ultrapassam os limites da consciência. (CHIARIONI, 2012, p. 36).

Para compor a narrativa do Profissão Repórter, são utilizadas duas câmeras, uma para captar o conteúdo ilustrador da notícia e a outra para focar os bastidores. A presença de duas câmeras passa ao telespectador a sensação de proximidade com os fatos. A câmera,

¹¹ Conteúdo disponível em: <<http://www.facebook.com/profissaoreporter?fref=ts>>.

maior que vai captar a interação entre repórter e entrevistado, opta por planos que possibilitem o enriquecimento da narrativa jornalística, abdicando da qualidade estética da imagem e a pequena tem a função de dar o tom multiforme ao programa, por meio de suas lentes o público vai ter acesso aos bastidores da reportagem.

O câmara se preocupa em focalizar as personagens e os repórteres, com planos mais abertos e gerais, o repórter segue nos detalhes, guiado por seus instintos e emoções, sem a necessidade de ser uma imagem perfeita e bem finalizada (CHIARIONI, 2012, p. 37).

Quanto à presença dos repórteres, “podemos dizer que a identidade pode ser concebida em termos dinâmicos, como a resultante de um processo, ou seja, de uma construção indefinidamente em curso” (LANDOWSKI, 2004, p.42). As presenças dos repórteres nos arranjos tradicionais estavam delimitadas à figuratividades construídas através de posições stand-up, que ocupavam quase que a totalidade do quadro, enquanto o repórter se dirigia direta e exclusivamente à câmara, independente do horário e da linha editorial da produção. A apreensão dessas presenças permite concluir “que cada um deles parece mais com os outros que com ele próprio” (LANDOWSKI, 2004, p.47). A presença dos repórteres dentro desse formato tradicional assemelha-se à construção de um retrato oficial, não permitindo que o jornalista mostre sua real identidade e sim que se enquadre dentro de uma identidade pré-estabelecida de acordo com os padrões de credibilidade. “Um retrato oficial não visa, essencialmente, a permitir o reconhecimento de um dado indivíduo nem a penetrar o segredo ao divulgar certas facetas que, captadas no instante. Seriam mais reveladoras que outras.” (LANDOWSKI, 2004, p.46).

A presença do jornalista dentro desse arranjo tradicional passa por um processo de cosmetização que objetiva moldar o profissional, trata-se de um modelo pré-concebido que ignora toda e qualquer singularidade do profissional, sendo necessária uma adequação dentro dos padrões da credibilidade.

Impondo o indivíduo a um modelo identitário pré-concebido, espécie de traje prêt-à-porter no interior do qual ele deverá se deixar moldar, tal regime iconográfico reserva, por definição, um lugar apenas marginal para exploração das singularidades individuais. É preciso de fato apagar tudo o que possa destoar na pessoa para que o personagem, elemento de uma classe – política, social, profissional ou outra -, possa entrar na galeria dos retratos que celebrará “oficialmente” sua memória (ou, em outra escala, segundo a tradição das boas famílias, no álbum ou nos porta-retratos decorativos nos ambientes da sala). (LANDOWSKI, 2004, p.48).

Mas a construção dessas presenças dentro do Profissão Repórter não possui nenhum compromisso com a “alfaiataria clássica”, o modo de fazer moldado. Não que o programa não possua um padrão. Esta produção audiovisual apenas abandonou as construções tradicionais, assumindo um processo de cosmetização em que a “barba por fazer” deixou de ser “coisa de comunistas comedores de criancinhas”. O casual urbano das camisetas brancas tipo *Hering*, das calças jeans de corte reto e lavagens estilizadas que harmonizam com os tênis *All-Star*, passaram a compor o *look* da objetividade. Mas tanto a presença tradicional como a contemporânea, aqui tomada como sendo a Pós-Moderna, objetivam adequar o repórter a um padrão estético que esteja de acordo com a linha editorial do programa.

Com certeza, as duas perspectivas visem a produzir “beleza” ou ao menos formas que possamos considerar, sob um ou outro aspecto, particularmente felizes, senão perfeitas. Mas enquanto que, do ponto de vista da cosmética, é o modelo, a pessoa real, que se trata de “embelezar” (de tornar conforme aos critérios sociais do gosto), já segundo a perspectiva estética, é própria obra, a imagem, no caso o retrato, que deve atingir determinada forma de perfeição (LANDOWSKI, 2004, p.61).

Quanto a identidade dos repórteres, do Profissão Repórter, está em constante construção. Assim como a pós-modernidade, não podemos concluir que esse será o padrão definitivo da identidade do jornalista contemporâneo. O que pode ser confirmado quando analisamos essas presenças é que a equipe dos jovens jornalistas de Caco Barcelos abandonou o compromisso com os padrões de identidade tradicionais.

5. Considerações

A sociedade e suas instituições ainda não vivem totalmente dentro da pós-modernidade, vivemos um momento de transição entre solidez e fluidez. E isso se reflete nos produtos da indústria cultural. O Profissão Repórter estabelece um processo de comunicação entre os valores sólidos e líquidos, permitindo concluir que as temporalidades e suas influências não são processos independentes e fragmentados, mas sim espaços de interligação entre o velho e o novo, trata-se de transição e não de descontinuidade.

(...) não há nem circunstâncias automaticamente geradoras, nem gerações mecanicamente constituídas, mas sujeitos coletivos que alcançam a existência semiótica – aos quais advém uma ‘identidade’ – pela construção de um certo número de figuras referenciais, ou de “símbolos” (LANDOWSKI, 1992, p.52).

Esse processo de comunicação entre temporalidades distintas pode ser evidenciado primeiramente pela orientação e pela troca de experiências entre Caco Barcelos e sua equipe de jovens jornalistas, os conselhos do experiente repórter possuem a essência da modernidade que influenciaram a vivência profissional de jovens que estão inseridos dentro de uma ambiência Pós-moderna. Esse processo de comunicação se estende também para a questão dos valores que preenchem a narrativa, o que norteava a cobertura jornalística na modernidade continua presente nas reportagens que narram os valores da Pós-modernidade.

No Profissão Repórter existe um processo de experimentação de novos conceitos técnicos e formas de concepção do arranjo, seja pela utilização dos recursos do hipertexto ou pelas sub-narrativas que terminam por compor a narrativa principal do programa. Essa construção imagética se faz de acordo com novos padrões estéticos e técnicos, em uma sociedade que vive um momento de transição, “(...) se as tecnologias vierem como complementos desse processo, elas têm sentido. Se não atenderem a essa expectativa, serão dominadoras do processo de relacionamento das pessoas na vida social (...)” (SOUSA, 2003, p.31).

O Profissão Repórter não inaugura nem inaugurou o jornalismo pós-moderno, já que defendemos aqui a não existência de bruscas rupturas, trata-se sim, de uma experimentação das possibilidades contemporâneas. Tanto em um processo de transição quanto na consolidação da pós-modernidade os veículos de comunicação sempre estarão em constante mudança, pois nada que se estabeleça nessa nova temporalidade será por muito tempo, tudo sempre terá caráter transitório, exigindo dos profissionais uma eterna capacidade de renovação e adequação.

Com o término desta pesquisa surgiu o programa *Nova Estação*. Em sua primeira edição o programa trata da questão das mães e das mulheres dos detentos dos presídios do estado de São Paulo. A justificativa para a escolha desta pauta para a primeira edição do programa se baseia no seguinte argumento, “(...) os efeitos danosos do aprisionamento recaem não somente sobre os presos, mas de forma muito injusta, sobre seus familiares (...)” (SANTOS, 2007, p.45) e, também, no processo de recuperação do preso, em resumo: “é importante ressaltar o papel da família para recuperação do interno, ela é o suporte emocional, que faz a ligação entre o detento e a sociedade, que recebe o preso ao ser libertado (...)”. (SANTOS, 2007, p.52).

Referências bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

JORGE. Taís de Mendonça. Manual do Foca: Guia de sobrevivência para jornalistas, Editora Contexto, São Paulo, 2008.

LANDOWISKI, Eric. A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica. Trad. Eduardo Brandão. Revisão Lineide do Lago Salvador Mosca, Irenilde Pereira dos Santos. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

MACHADO, Arlindo. A Televisão Levada a Sério. São Paulo: Senac, 2003.

MURRAY. Janet. Hamlet no Holodeck, o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

ORTIZ, Renato. A moderna Tradição brasileira, cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PENA, Felipe. Teoria do jornalismo, 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, Mauro Wilton de. Novas Linguagens. São Paulo: Salesiana, 2003.

CHIARIONI, Bruno Teixeira, Jornalismo e narrativa na mídia televisiva: O programa Profissão Repórter. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2012.

SANTOS, Alessandra Nascimento dos. Familiares de presos: direitos humanos violados. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. Técnicas de redação em Jornalismo, o texto da notícia. Org. Magaly Prado. São Paulo: Saraiva, 2009.

Sites:

CONFLITO entre israelenses e palestinos. Produção de Profissão Repórter. São Paulo: Globo, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=U1DQ2hN4s-I>>. Acesso em: 05 maio 2014.

SER GAY no Brasil. Produção de Profissão Repórter. São Paulo: Globo, 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=uDDFdS7K8Ac>>. Acesso em: 05 maio 2014.

AIDS a doença do século. Produção de Profissão Repórter. São Paulo: Globo, 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IEiJIGqEyOA>>. Acesso em: 03 maio 2014.

VIDA NO COMPLEXO do Alemão. Produção de Profissão Repórter. São Paulo: Globo. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/videos/t/programas/v/a-vida-no-complexo-do-alemao-parte-1/2494405/>>. Acesso em: 1º maio 2014.

PROFISSÃO Repórter. Produção de Rede Globo de Televisão. São Paulo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter>>. Acesso em: 03 abril 2014.